

ITABUNA: CENÁRIO DA POÉTICA DE VALDELICE PINHEIRO

Mércia Socorro Ribeiro Cruz¹

Só pode haver criação sobre uma existência anterior
Valdelice Pinheiro

*A memória, onde cresce a história,
que por sua vez a alimenta,
procura salvar o passado para
servir o presente e o futuro.*
Le Goff

Itabuna, cidade localizada na Costa do Cacau no Sul da Bahia, foi por longas décadas pólo cultural dessa região. Suas matas revelam a história das fazendas de cacau, fruto que originou a riqueza patrimonial e o desenvolvimento regional. Ao abordar a Literatura como Patrimônio Cultural Imaterial (expressão tida como bem de valor), através da poesia de Valdelice Pinheiro, buscou-se identificar na Literatura da Região do Cacau, a questão da identidade local e o sentimento de pertença a essa localidade, presentes nas poesias da autora por intermédio da experimentação lingüística que reporta às vivências locais.

A poética de Valdelice Pinheiro reflete a história que a cidade de Itabuna vivenciou nos tempos áureos do cacau, denominado de tempos do “fruto de ouro”. Tal expressão revela o potencial econômico gerado em torno da cultura do cacau, o quanto o mesmo repercutiu na história regional, no desbravar das matas, no nascimento das fazendas de cacau, geradoras de riquezas que foram contadas através da história local, inspiradora da Literatura da Região do Cacau também denominada de Literatura Sul-baiana.

Com base no artigo 1º da Constituição Federal de 27 de maio de 1998: a continuidade histórica do bem (no caso o patrimônio imaterial), e sua relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira, estão vinculados ao registro de saberes, enraizado no cotidiano das comunidades. Sendo

¹ Integrante do Grupo de Pesquisa Identidade Cultural e Expressões Regionais – ICER. Especialista em Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa. Mestranda em Cultura e Turismo pela Universidade estadual de Santa Cruz – UESC (2008-2010). Artigo apresentado no X Congresso Internacional da ABRALIC, em julho/agosto de 2006. E-mail: mercia_melrc@hotmail.com.
www.uesc.br/icer

assim, a literatura local inspira-se nessa tradição cultural substanciada pela experiência poética.

O objetivo deste estudo é sinalizar através dos poemas de Valdelice Pinheiro a questão da identidade local, a memória regional, com suas figuras heróicas, tradição, festas e ritos, o enfoque de uma época de domínio social através da figura dos coronéis que constituíam grande parte da região, mas por outro lado, geravam inquietação àqueles que não concordavam com os desmandos sociais.

Foi observado o conceito de tradição inventada (HOBBSAWM, 1997), o conceito de comunidade imaginada, de Anderson (1989), visto aqui, na acepção de uma comunidade regional e o sentimento de identidade local que, segundo Hall (2004), é específico e o ponto de partida das práticas sociais.

O LUGAR REVELANDO A GEOGRAFIA IMAGINADA

Falar do fruto e da terra é também se imaginar como parte dessa realidade no olhar de quem vive na região, expressa a convivência com o campo, ampara-se na natureza para refletir sobre a própria existência e o sentido de ‘lugar’:

*a terra me gerou
a terra me abençoou
a terra me vivificou.*
(Valdelice Pinheiro – Inédito – Acervo Projeto VP)

Assim, como os hábitos e costumes criam um sentimento de identidade com o lugar, a terra nos traz o sentimento de pertença, de fazer parte da realidade vivenciada no contexto histórico, de forma tão peculiar, esse espaço passa a ser o universo de práticas sociais de uma comunidade que vive em torno de uma cultura específica.

O sentimento de pertença é equivalente ao que Homero chamava de *ethos*, "morada". Esse sentimento nos identifica com o “lugar”, o que segundo Hall (2004), é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com os quais nossas identidades estão estreitamente ligadas.

No poema *Itabuna*, a poetisa descreve assim esse sentimento:

No cemitério,
no chão puro,
no ar,

no tempo que passou,
em tudo,
aqui,
vive tudo de mim;
meu pai e minha mãe
sob uma legenda e flores,
os meus primeiros sons,
a primeira imagem
de meus pés andando por si sós
e todos os meus olhos
se estirando
pelo verde dos cacaus abertos na mata
como um mar que desse frutos de ouro
e frutos de fome.
Aqui cresceram as minhas mãos
com ânsias de infinito e cheias de agonia.
Aqui nasceram e morreram
as minhas dores mais reais
e mais as ilusões de minhas alegrias.
Aqui eu aprendi o sentido da Paz,
a extensão do amor,
o quanto vale o homem
e de que tipo
de suor,
de força,
de coragem,
de doces e tristes coisas
é feita a vida.
Eu sou plantada neste chão.
Este chão sou eu.
(SIMÕES, 2002, p. 53)²

É nessa perspectiva de pertencer a uma terra onde as memórias advindas, desde o nascimento e por toda caminhada com o surgir das matas do cacau, nas fazendas, caracterizado pela autora como fruto de ouro e fruto de fome, que revela-se o discurso de quem acompanhou vários acontecimentos sociais, viu desigualdades, acreditou e buscou a liberdade, o amor *e tais focos são filtrados pela palavra poética* (Simões, 2002).

Em alguns momentos, a poetisa traz a questão dos valores apreendidos por aqueles que amam o conhecido, o familiar, o específico, próprio de cada um, aquele valor com o qual nos identificamos, crescemos, aprendemos e amamos. Para Valdelice (Idem, p.31), na sua visão de mundo, “a sua relação artística com o mundo não se limita a uma olhar do imediato e objetivo, ‘mas o aí em relação ao aqui, ao cá dentro, sujeito modificador do mundo”.

² Poema retirado do livro *Expressão Poética* de Valdelice Pinheiro, organizado pela Prof^a. Dra. Maria de Lourdes Netto Simões, coordenadora do Grupo ICER, lotado no DLA – UESC/BA.

Em outros momentos, revela-nos a força do trabalho, a luta daqueles que abriram estradas (o operário trabalhador), e foram submetidos a outros que comandavam (os coronéis). E tudo isso passou pelo olhar atento da poetisa que, for fim, se diz plantada neste chão, ou seja, parte existencial desta morada.

Na *comunidade imaginada*, nos diz Anderson (1989), os indivíduos não conhecem todos aqueles que integram o grupo mais extenso. Os membros da sociedade se sentem unidos por experiências, símbolos e referências comuns, mesmo sem ter contato direto uns com os outros. É um sentimento de comunhão privilegiando a imaginação em vez da interação pessoal.

Para aqueles que integram a região cacauera as referências e símbolos dessa comunidade é comum a toda a saga do cacau, o surgimento das fazendas, o percurso da lavoura e toda história em torno da mesma, possibilita uma realidade somente encontrada nesta região.

Nesse sentido, integrar uma região, apreender valores culturais e históricos, os diferencia dos povos de outras localidades que vivenciam realidades diversas, sem, todavia, deixar de estar contido dentro de uma amplitude maior que é a nação, conforme Anderson (1989), definida como uma comunidade social imaginada – imaginada não no sentido de falsa, mas de uma construção discursiva.

Quando se lê o poema de Valdelice, encontra-se esse sentimento que une e integra a terra ao homem, o sentimento de pertencer à região e fazer parte da história da mesma:

Eu vim
de noites úmidas,
quando as sementes
fecundavam
o corpo virgem
da mata.
Eu vim
da branca paisagem
de pequenas flores
germinando ouro
no ventre
dos cacauais.
E acordo na manhã
dos deuses,
no mundo
do chocolate.
(SIMÕES, 2002, p.65)

Ao expressar a sua origem com o nascimento das fazendas de cacau que surgiram com o desbravamento das matas virgens, a poetisa nos revela sua infância tropical e o convívio diário com a terra e, ao lado dela, o sentimento de ver nascer uma cidade no ínterim com seu mundo silvestre.

Define-se, com isso, a época mais farta e abastada da região, com a floração do cacau, viva nas lembranças da poetisa, num tempo onde o fruto da amêndoa enriquecia a região e trouxe, através do chocolate, o desenvolvimento econômico para o Sul da Bahia por um período de cinco décadas.

Os deuses comeram
do fruto de ouro
a santa amêndoa
e na manhã seguinte
vomitaram
chocolate.
(Valdelice Pinheiro – Inédito)

Observa-se, nos versos acima, a comparação dos homens a deuses e mais uma vez a importância desse fruto designado *de ouro*, pois quem o possuía, dominava completamente. A influência do cacau nesta época trouxe para a cidade de Itabuna e região, além do desenvolvimento e autonomia política, fenômeno este, segundo Oliven (2006), que caracteriza-se também por *desigualdades sociais*, mas que se articula mobilizando sentimentos coletivos e veiculando identidades e ideologias associadas a memórias sociais.

*Essas mãos
negras
nessas bagas
brancas...
como se fossem
forja
modelando ouro...
(SIMÕES, 2002, p. 64)*

Delineia a imagem do negro e do trabalhador das roças de cacau que, no cuidado diário com o fruto, sustentava a região na fartura das produções rurais. O poema traz a questão da desigualdade social e o poder exercido pelos coronéis no domínio da cultura do cacau, na relação de comando e autoridade sobre a classe de trabalhadores da lavoura cacaueira.

A TRADIÇÃO INVENTADA NO PERCURSO DA HISTÓRIA

Por *tradição inventada* – conceito do teórico Eric Hobsbawm (1997) - entende-se toda prática de natureza ritual e simbólica que visa garantir a coesão social por meio de transmissão de valores, estabelecendo uma relação de continuidade com o passado, operando sobre as escolhas do presente com vistas a controlar o futuro no espaço da Nação. Enquanto importante coluna do edifício da Nação, a tradição ajuda a consolidar a noção de eternidade da mesma. A poesia de Valdelice Pinheiro fala, em alguns momentos, sobre essa tradição através de figuras heróicas como os coronéis de Itabuna e cidades circunvizinhas, e também de suas festas e rituais:

Canto
O canto dos meninos
Da roda do pirulito,
Nas procissões do palhaço
Que bate-bate,
Nesse tambor mambembe
Sem limite,
Na rua da Bananeira.

Canto
A voz colorida das lavadeiras
De meu rio,
Nas procissões de São José
-Ave, ave, ave, Maria... (SIMÕES, 2002, p. 58)

No presente poema, nota-se a Itabuna do cotidiano cuja tradição das festas acontecia como uma prática de natureza ritual, com suas procissões de palhaços e brincadeiras com ritmos que marcaram a memória da poetisa, quando ainda criança, na Rua da Bananeira, naquele tempo – uma espécie de arruadozinho a dois ou três quilômetros de Itabuna propriamente dita.

Assim como a lembrança das lavadeiras do rio Cachoeira que tanto foi marcado, pela simbologia do ato que se repetia no cotidiano da cidade, como um ritual, com suas canções de roda e todo folclore em torno delas, assim como as procissões de São José, santo padroeiro de Itabuna, que, ainda hoje, se repete, como uma tradição formal, referindo-se ao passado.

Sendo assim, torna-se apropriado dizer que, o cacau e seu significado para a população da Região Sul-baiana, talvez fique apenas como uma lembrança na poesia de *Valdelice Pinheiro*, perpassada pelas suas vivências:

Há uma árvore/ que implantou/ meus sonhos. / Há uma árvore/ que conheceu/ meus braços/ e fecundou/ minhas asas. / Há uma árvore que dourou/ meus olhos/ e me ensinou/ a luz. / Há uma árvore/ que me alimentou/ na alegria infantil/ do chocolate (ROCHA, 2003, p.55).

Importa salientar que tradição e memória são conceitos muitas vezes intercalados, muito embora, algumas tradições precisam ser esquecidas para dar espaço ao surgimento de outras, contudo a existência de uma tradição tem profundas raízes com um passado comum, sendo, por assim dizer, a memória o elemento que mapeia a tradição em sua trajetória.

Para Hobsbawm (1997) toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal. Assim, pensar numa mesma tradição é trazer a intimidade do mesmo grupo, da mesma região, da mesma nação, de acordo com as suas vivências compartilhadas.

À medida que o sentimento de “lugar” é fortalecido, notamos uma construção discursiva em torno da identidade que é uma construção simbólica. Segundo Anderson (1989), quando a identidade não pode ser lembrada, ela precisa ser narrada. Obviamente através da História ou da Literatura teremos registradas tais memórias como expressão de vida de um povo no tempo e no espaço.

A saga do cacau constitui a essência e a história de vida da região sul-baiana. Sob esse olhar:

Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos. Elas têm aquilo que Edward Said chama de suas “geografias imaginárias” (Said, 1990): suas “paisagens” características, seu senso de “lugar”, de “casa/lar”, ou *heimat*, bem como suas localizações no tempo – nas tradições inventadas que liga passado e presente, em mitos de origem que protegem o presente de volta ao passado, em narrativas de nação que conectam o indivíduo a eventos históricos nacionais mais amplos, importantes (HALL, 2004, p. 71-72).

Essa concepção é evidenciada por meio do espaço/tempo pela legitimidade vinculada às tradições e, na acepção de Bhabha, pelo caráter performático – segundo o qual os povos se apresentam enquanto sujeitos de um processo de significação nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar em identidade regional é abarcar a amplidão de sua “geografia imaginária” dentro do contexto maior que é a nação, sem, contudo perder a compreensão de que (HOBSBAWM, 1997) sempre se pode encontrar no passado de qualquer sociedade, um amplo repertório destes elementos, e sempre há uma linguagem elaborada composta de práticas e comunicações simbólicas.

Ao analisar, através dos poemas de Valdelice Pinheiro, alguns traços que mapeiam a história de Itabuna, região Sul-baiana, pode-se observar na sua poética, quanto forte é esse sentimento de pertença à terra que representa as memórias locais e constitui patrimônio cultural imaterial uma vez que registra a arte, o saber, a cultura, o fazer diário e a própria identidade local de um povo através da literatura.

Vivências que são compartilhadas dentro de um espaço, que trazem um leque de significação dentro de um tempo/local que continuarão, pois perfazem um caminho na existência daqueles que compuseram parte da mesma história, vivenciaram as histórias, - *é a própria história, na fala de Valdelice Pinheiro* -, quando reporta: *nenhum poeta fica no que escreve, porque todo poeta é o que escreve.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEDICT, Anderson. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

BHABHA, HOMI. **O local da cultura**. UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Dp&a, 2004.

HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LE GOFF, Jean. **História e Memória**. 4. ed. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora UNICAMP, 1996.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo**. A diversidade cultural no Brasil – nação. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

ROCHA, Lurdes Bertol. **O centro da Cidade de Itabuna: Trajetória, Signos e Significados**. Ilhéus: Editus, 2003.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Expressão poética de Valdelice Pinheiro**. Ilhéus: Editus, 2002.

Acervo cultural das poesias inéditas de Valdelice Pinheiro (ICER – Grupo de pesquisa: Identidade Cultural e Expressões Regionais) – DLA.